

24 - PEDRO PAULO MONTENEGRO

CADEIRA Nº 24
PATRONO: LÍVIO BARRETO

PEDRO PAULO MONTENEGRO

PEDRO PAULO de Souza MONTENEGRO, filho de Plutarco de Moura Montenegro e Maria Stella de Souza Montenegro, nasceu em Quixadá, no dia 9 de janeiro de 1928. Depois do curso primário, no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua e no Colégio Castelo Branco, e do curso secundário no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, fez o Curso de Filosofia no Seminário São Vicente, de Petrópolis, Estado do Rio, o Curso de Letras na PUC do Rio de Janeiro e o Curso de Direito na Faculdade de Direito da UFC. Fez o Mestrado em Teoria da Literatura na Universidade de Madri, Espanha, em 1965, revalidado na UFRJ. Tem ainda vários cursos de extensão cultural realizados no Brasil e no exterior. Foi Oficial Instrutivo do Tribunal de Contas da União; Professor Catedrático de Português da Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Ceará; Professor Adjunto de Catedrático de Espanhol da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza; professor de Língua e Literatura Espanhola na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará; professor de Estudos de Problemas Brasileiros no C.P.O.R. de Fortaleza; Coordenador dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFC; membro do Conselho Universitário da UFC; Professor Titular de Teoria da Literatura no Curso de Letras da mesma Universidade, na Graduação e no Mestrado em Letras; membro do Conselho de Ensino e Pesquisa ainda na UFC; Professor Adjunto de Catedrático de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Magistério do Exército (Colégio Militar de Fortaleza); foi Professor Visitante na Universidade de Colônia (Alemanha), e na Universidade do Tennessee (Estados Unidos); exerceu o cargo de Pró-Reitor de Extensão da UFC, e foi Presidente do Conselho Editorial das Edições UFC. Pertence ao Instituto Brasileiro de Filosofia, à Associação Cearense de Imprensa e ao Conselho Técnico-Administrativo da CAPES. É portador da Medalha Marechal Trompowsky, por serviços relevantes prestados ao Magistério do

Exército Brasileiro. Obras publicadas: ***La Dinâmica de los Pronombres Personales em Español*** *(1959),* ***Convivências*** *(1966), estudos de Teoria da Literatura e* ***A Teoria Literária na Obra Crítica de Araripe Júnior*** *(1974). É autor da Introdução Crítica de* ***Luizinha e Perfil Literário de José de Alencar*** *(1980), de Araripe Júnior, reedição publicada pela J. Olympio, em convênio com a Academia Cearense de Letras. É autor de vários estudos incluídos em obras coletivas, como, entre outros, "O Romance de 30 no Nordeste", in* ***O Romance de 30 no Nordeste*** *(1983), de Eduardo Portella e outros e "A Obra Crítica de Afrânio Coutinho", in* ***Miscelânea de Estudos Literários*** *(1984), em homenagem ao autor de* ***Correntes Cruzadas,*** *de Alceu Amoroso Lima e outros. São inúmeros os artigos que tem publicado em periódicos, mas podemos destacar "Gabriela Mistral, vida e obra", na Revista* ***Clã*** nº 17, de 1958; "**Os Sertões** — Obra de arte literária", *no nº 22, de 1966; "Uma Estrutura agrária romanceada", em* ***Aspectos*** *nº 9, de 1976; "Os Valores básicos da cultura brasileira", na mesma revista, nº 10, de 1977; "****Relembranças,*** *de Milton Dias", na* ***Revista de Letras,*** *da UFC, v. 8, de 1985, etc. Tratando de sua obra, Braga Montenegro, depois de afirmar que o escritor, como professor, se aparelhou dos instrumentos necessários ao desempenho da sua cátedra, habilitando-se ao ensino da literatura, não para ser* ***exercitada,*** *mas para ser* ***compreendida,*** *conclui: "E ao lado desse cabedal teórico de que o prof. Pedro Paulo se serve, dispõe ele de uma acentuada predisposição crítica, sem a qual não seria capaz de formular, sob critérios próprios, os ensaios de que se compõe o presente livro (****Convivências****). Sim, para se fazer crítica literária — não apenas o comentário de texto e a simples análise estilística, cousas que estão ao alcance de qualquer estudioso medianamente inteligente — se faz indispensável, além do domínio de uma* ***ciência,*** *de uma metodologia estética, toda uma intuição do fenômeno literário, sem o que redundará em pura perda qualquer diligência neste sentido."*

ARARIPE JÚNIOR

ARARIPE JÚNIOR (*Tristão de Alencar Araripe Júnior*), durante quarenta e três anos (1868-1911), militou na Crítica Literária, aparecendo em periódicos com uma freqüência tal que surpreende. E surpreende, sobretudo, quando sabemos que, com igual competência e não menos responsabilidades, exerceu outras funções bastante absorventes como a de Juiz Municipal, em Maranguape, Ceará, e no Rio de Janeiro, sucessivamente, as de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, de Diretor Geral na Diretoria do Interior do Ministério da Justiça e, a partir de 1903, de Consultor Geral da República, em cujas funções permaneceu até a morte, ocorrida a 29 de outubro de 1911.

Antes, porém, de se ter entregue totalmente à crítica e ao ensaio, Araripe Júnior foi romancista e contista. Ainda estudante, em Recife, redigiu, em 1868, seus *Contos brasileiros,* sob a influência do romantismo na sua fase indianista.

Romances, escreveu: *O ninho do beija-flor* (1874), cuja publicação foi iniciada no jornal *Constituiçao* a 28 de março de 1872, *Jacina, a Marabá,* de 1875, por ele denominado "Crônica do século XVI". O primeiro se apresenta mais com a feição de romance de caracteres e o segundo como romance indianista. Em 1878, dará ao público um romance de caráter social, *O reino encantado* e outro de tendência psicanalítica, *Miss Kate,* em 1909. Uma novela onde se notam laivos de picaresco virá a lume no ano mesmo de sua morte (1911): *O cajueiro do Fagundes.*

Na segunda metade do século XIX chegam ao Brasil ondas sucessivas de teorias e doutrinas de origem européia, no campo da Biologia, da Geografia, da Psicologia, da Filosofia e sobretudo da Sociologia. O Ceará, como outras Províncias, participou ativamente deste banquete espiritual em que eram servidas as mais variadas iguarias, pelas obras de Spencer, Ratzel, Buckle, Taine, Comte, Kant, Schopenhauer, Hartmann e Noiré.

Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Tomás Pompeu, Araripe Júnior, Xilderico de Faria, João Lopes, todos jovens cujas idades oscilavam entre 15 e 25 anos, reúnem-se em Fortaleza no ano de 1870, no grupo denominado "Fênix Estudantal" e depois, em 1872, fundam a "Academia Francesa" cujo adjetivo fala, com precisão, da

influência das leituras prevalentemente sobre as de orientação germanística que, ao mesmo tempo, se desenvolviam em Recife, com Sílvio Romero e Tobias Barreto.

De maneira geral, questionam-se o subjetivismo e o intuicionismo românticos, põe-se em xeque o conceito clássico de beleza absoluta, cultua-se a Ciência como soberana capaz de ditar métodos mesmo em Literatura e caminha-se dentro de um determinismo de ordem geográfica e biológica, psicológica e sociológica. Tudo com marcas indeléveis de Positivismo, Naturalismo, Ambientalismo, Materialismo, Determinismo.

I. O FICCIONISTA

O renome de Araripe Júnior criou-se nos estudos dos fenômenos literários onde sua sólida cultura filosófica e seu vasto conhecimento de literatura universal o colocariam muito acima de seus contemporâneos que trataram o assunto. Seus estudos e ensaios, em conjunto, levam-nos à conclusão de uma sólida fundamentação em conhecimentos da técnica literária e do espírito das grandes épocas com seus valores estéticos dominantes, que traduziu quando, ao longo de sua *Obra Crítica*, hoje editada pela Casa de Rui Barbosa, em cinco alentados volumes, tratou de Arte em geral e de literatura em particular, da obra literária, dos gêneros literários, dos estilos de época em literatura, da crítica literária e da história da literatura brasileira, a tudo sondando, e perquirindo, a ponto de nos fornecer um verdadeiro *Ideário crítico* através das varias fases de nossas manifestações literárias com que conviveu: romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo.

Faltavam-lhe, porém, não há negar, a vocação de ficcionista, a originalidade e o poder de recriar o assunto. Deixou-se ora influenciar demasiado por José de Alencar, ora dominar-se pelo sentido exacerbado do documentário, prevalecente no Naturalismo.

Justamente, nesse segundo ponto, residem as falhas deste romance que ora se reedita: *Luizinha.*

Escrito em 1873, quando seu Autor exercia as funções de Juiz de Direito em Maranguape, Ceará, somer.te em 1878 foi o romance publicado no Rio de Janeiro, pela Tipografia Vera-Cruz,

sita na Rua da Misericórdia, n.º 37.

Na "Advertência", no fim do volume, alude o Autor a algumas veladas dificuldades a que chama de "maus fados" que "perseguiram Luizinha desde o nascedouro." E acrescenta:

Por duas vezes começamos a publicá-lo em folhetins, sem que, por causas independentes de vontade, aparecesse a conclusão.

E confessa o motivo de sua vinda a lume: a exigência do cumprimento da promessa feita por um amigo de infância, agora residindo no Rio, Tristão Franklin de Alencar Lima, o qual assina a missiva datada de 10 de março de 1878 e por Araripe Júnior acrescentada à sua "Advertência" à qual junta, ainda, o Autor um pequeno glossário para explicar, capítulo por capítulo,

algumas expressões ou frases acaso desconhecidas a pessoas que nunca estiveram em províncias do norte e que são peculiares à linguagem empregada pelo povo que habita aquelas regiões.

Luizinha caracteriza-se bem como um "romance de costumes", com laivos bem fortes de naturalismo e representa um exemplo de mistura desse estilo com o regionalismo, sem perder a coloração romântica que, no Brasil, freqüentemente, ganhou as produções naturalistas.

Se, como dissemos, o romance apresenta algumas falhas de estrutura, assume, muitas vezes, aspectos imprevistos, percorrendo imensa variedade de terreno, desde a suavidade romântica até ao pinturesco regional e à análise psicológica. Se esta não alcança a classificação de impressionista, com a idéia de passividade do espírito, nem chega a explorar as conotações morais da inércia do ser humano frente ao luxo heterogêneo da experiência, deixa-se conduzir freqüentes vezes por um determinismo causalista, inerente a certo cientificismo que chega mesmo a insinuar fatalismo, pela dependência de fatores biológicos e ecológicos. É precisamente o tratamento dado às personagens do bruxo, conhecido como Tatu, e do facínora João do Camocim, o curiboca. São tipos patológicos que, no ambiente em que vivem, adquirem muita verossimilhança e são precisamente os que mantêm o interesse da narrativa.

Mas o que de mais importante sentimos nesse romance de Araripe Júnior é uma atitude crítica de seu autor em relacão ao destino da cultura, atitude, aliás, que se prolonga nos estilos pós-românticos, podendo-se mesmo dizer que é na "modulação" dessa atitude básica de oposição que os estilos pós-românticos —

realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo e modernismo - se distinguem do romantismo.

A visão-do-mundo romântica apresentada em Luisinha, no contorno admirável da Serra de Aratuba e da Lagoa de Jassanaú em sua exuberante vegetação circunstante ou na pujança juvenil do corpo e da fantasia de Luizinha, é questionada pelo contraste insistente dos tipos rústicos de seus pais Germana e Papara, e de outros que a cercam, com sua ignorância, seu mau caráter, suas bebedeiras e crimes.

II. O CRÍTICO LITERÁRIO

A reflexão crítica — não há negar — constitui-se numa estrutura do pensamento e do saber, existente por direito próprio, muito longe de uma situação meramente parasitária, mas um tanto independente da arte com a qual e sobre a qual trabalha.

Corretamente situada, esta reflexão crítica, quando conseguiu fugir do determinismo que a subordinou a correntes de pensamento pré-fabricadas como o sociologismo ou o economismo, o tomismo ou o psicologismo, forneceu axiomas e postulados que nasceram da arte literária mas não se subordinaram a ela. Abeberou-se de princípios científicos autônomos e pôde formar um acervo doutrinário válido que se constituiu na Teoria da Literatura.

Eis por que a formação do crítico literário é fruto de recolhimento e contemplação estética, resultado de leituras diuturnas, de meditação e estudo de historiadores da literatura, de ensaístas, doutrinários, de outros críticos mais experimentados.

Antes de tudo, se exige uma vocação — que se encaminhe para a paciência das releituras, da comparação, da dedução, da indução, da análise e da síntese.

A Crítica Literária — que não se confunda com a simples informação jornalística ou periodística — revelará de cedo, erudição, maior ou menor, de quem a pratica. E quando exercida com amor, conduzirá a estudos e pesquisas com implicações em vários ramos do saber humano. Aí está a sua grandeza, mas também a sua miséria. Ou ela assumirá a humildade e a persistência, o devotamento e a seriedade verdadeiramente

monacais e produzirá frutos a longo prazo, ou se adornará das pérolas falsas do retoricismo fácil e do brilharesco das conclusões apressadas, informando mal e comprometendo o *status* universitário que já adquiriu nos países que respeitam a superioridade do espírito e a criatividade do artista.

Desde seus estudos de formação na Escola de Direito, em Recife, em pleno apogeu do Romantismo, Araripe Júnior descobriu sua atração pelos estudos sérios das obras literárias e sentiu a necessidade de uma conscientização sempre mais forte do fenômeno artístico. Por toda a sua vida vai, então, se conduzir mais como um esteta pensador ou um cientista, pelo cuidado e preocupação que notamos no evolver de toda a sua hoje monumental *Obra Crítica,* em cinco volumes — em atualizar a sua cultura literária, em afinar o seu bom gosto sempre ao tom das idéias que fossem verdadeiramente aproveitáveis na época, aliás autêntica encruzilhada de movimentos em Arte e em Filosofia.

Desenvolvendo seus estudos críticos e pesquisas históricas na segunda metade do século XIX, vai Araripe Júnior surpreender-se a si mesmo, numa encruzilhada de idéias, tendências e filosofias diversas, muitas delas opostas. Conceitos e métodos serão também variados e contraditórios. Ao alcance de sua leitura correm obras de inspiração monista, evolucionista, determinista, ambientalista, positivista de linha alemã ou francesa. O cientificismo domina o espírito da época.

Ao lermos, mesmo rapidamente, para um primeiro contacto, a *Obra Crítica* de Araripe, não podemos deixar de notar, nitidamente, sua convicção de "Nacionalidade" no que concerne às manifestações literárias no Brasil e uma acentuada tendência para o culto dos processos genéticos.

Deliberadamente confessa, em artigo adrede preparado, com o título "Ponto de vista para o estudo da história literária do Brasil", encontrado no Vol. I da *Obra Crítica*, p. 491:

> É muito difícil, na execução de qualquer trabalho de crítica, e principalmente em uma história literária, escapar às tendências do próprio temperamento. O crítico, de ordinário, exagera uma das três condições da arte, dando mais importância, ou ao *meio*, ou à *raça*, ou ao *momento.*

Foi o Realismo-Naturalismo que criou, no Brasil, a convicção de um laço determinista entre a terra e a conduta humana, o que proporcionou a ampla abordagem pelos críticos — entre os quais, na matéria, avulta Araripe Júnior — do problema do relacionamento

homem-cultura-ambiente e que o levou à formulação da teoria da *obnubilação brasílica*.

Partindo daí e coerente com sua tendência para os processos genéticos, com influências do biologismo e do biografismo literários dominantes na época, Araripe Júnior planeja a elaboração dos "Perfis literários", objetivando o panorama da história e da literatura do Brasil.

Desses "perfis", dois foram plenamente realizados: *José de Alencar* e *Gregório de Matos*. Se *Dirceu* não chega a ser bem um "perfil" e com tal indicação não foi publicado — constitui um estudo crítico e histórico sobre a obra lírica de Tomás Antônio Gonzaga e sua participação no movimento político da Inconfidência.

Araripe não logrou executar toda a galeria de perfis que pretendeu. Deixou, contudo, valiosos trabalhos críticos sobre figuras decisivas no panorama das letras brasileiras: Raul Pompéia, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Juvenal Galeno, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, José de Anchieta, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Cruz e Sousa e muitos outros, cujas obras comentou e criticou diretamente ou delas se ocupou com referências e comparações, tanto do ponto de vista de síntese histórica, situando seus autores no tempo e no ambiente em que viveram, quanto do ponto de vista da análise de suas produções, sob critério de julgamento isento e agudo. E como se não fosse bastante, legou-nos documentação farta sobre a "vida literária" no Rio de Janeiro, em Recife, em Fortaleza, em momentos decisivos da formação de grupos e pessoas: Recife de Tobias Barreto e Sílvio Romero, Fortaleza da "Academia Francesa" e da "Padaria Espiritual", Rio de Janeiro da agitação do realismo-naturalismo, do parnasianismo-simbolismo, e do sincretismo, em torno de personagens como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Artur e Aluísio Azevedo, Raul Pompéia. Este último centro cultural encontramo-lo, todo vivo, em seus *Diálogos das novas grandezas do Brasil*, inserido no quarto volume de sua *Obra Crítica.*

No *Perfil literário de José de Alencar* aparece mais que nos outros a imbricação de biografia empírica, biografia intelectual e comentário crítico da obra. Aí já temos nitidamente delineado o que seria o método crítico de Araripe Júnior.

Introdução crítica de *Luizinha* e *Perfil Literário de José de Alencar* (1980), de Araripe Júnior.